Globethics Repository



As biotecnologias e a possibilidade do pós-humano e do transumano [Biotechnologies and the possibility of post-human and transhuman]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-09 04:35:15
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/158813

As biotecnologias e a possibilidade do pós-humano e do transumano

Clonagem não é a biotecnologia mais poderosa, argumenta Ivan Domingues, mas sim as tecnologias melhoristas eugênicas de base química, como os fármacos. A questão moral deverá ser "recalibrada" em função das novas biotecnologias e seus poderes

Por Márcia Junges

"A associação das biotecnologias com as técnicas mais poderosas do DNA recombinante e mesmo aquelas modeladas pelas nanotecnologias, poderá significar abrir as portas para experiências mais radicais ou ousadas, levando ao pós-humano e ao transumano, como muitos estudiosos já vaticinaram", observa o filósofo Ivan Domingues, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. De acordo com o pesquisador, "as biotecnologias acarretaram uma revisão profunda da questão antropológica, à qual os antropólogos e filósofos não podem ficar indiferentes. Tal revisão quase sempre vem acompanhada de exageros e mal entendidos, como a clonagem, com sua capacidade de embaralhar e colocar em xeque os fundamentos dessa instituição humana, demasiadamente humana, que é a família. Todavia, a clonagem está longe de ser a biotecnologia mais poderosa, ou a mais ameaçadora". E acrescenta: "Não bastasse o controle técnico da natureza, e por extensão da natureza humana, ao nos deixar dependentes dos artefatos e sistemas tecnológicos, poderá significar a instauração da maior das tiranias, acarretar o controle da subjetividade e o fim da autonomia do indivíduo. Diante de uma ou de outra alternativa, a questão moral deverá ser recalibrada, tanto em face das novas biotecnologias e seus poderes, quanto da própria questão antropológica e seus limiares."

Ivan Domingues é Graduado e mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, cursou doutorado em Filosofia na Universidade de Paris I – Sorbonne com a tese *O grau zero do conhecimento: o problema da fundamentação das ciências humanas* (2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999). É pós-doutor pela Universidade de Oxford e leciona no Departamento de Filosofia da UFMG. De sua produção bibliográfica, destacamos *O fio e a trama: reflexões sobre o tempo e a história* (São Paulo/Belo Horizonte: Iluminuras/Editora da UFMG, 1996) e *Epistemologia das ciências humanas - Tomo 1: Positivismo e Hermenêutica - Durkheim e Weber* (São Paulo: Edições Loyola, 2004). Organizou *Biotechnologies and the Human Condition* (Belo Horizonte: Editora UFMG/IEAT, 2012). Domingues estará na Unisinos em 24-10-2013 falando sobre *Biotecnologia e a Condição Humana: impactos e implicações,* das 17h30min às 19h, atividade integrante do *II Seminário em preparação ao XIV Simpósio Internacional IHU – Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades*, cuja programação completa pode ser conferida em http://bit.ly/biotecihu.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os principais nexos e problematizações que se colocam entre a condição humana de nosso tempo e as descobertas oriundas da biotecnologia?

Ivan Domingues - As biotecnologias acarretaram uma revisão profunda da questão antropológica, à qual os antropólogos e filósofos não podem ficar indiferentes. Tal revisão quase sempre vem acompanhada de exageros e mal entendidos, como a clonagem, com sua capacidade de embaralhar e colocar em xeque os fundamentos dessa instituição humana, demasiadamente humana, que é a família. Todavia, a clonagem está longe de ser a biotecnologia mais poderosa, ou a mais ameaçadora. Das novas biotecnologias, para além da clonagem, que se limita a multiplicar as cópias sem um *plus* de valor agregado ou de um elemento novo a se adicionar ao original, técnica de resto comum e já de há muito testada entre as plantas, como as orquídeas, há que se considerar as tecnologias melhoradoras, também chamadas de eugênicas. Tais tecnologias estão ainda no limiar e longe de terem mostrado a que vieram, mas já são matéria de discussões nas diferentes mídias, bem como nas revistas filosóficas especializadas, onde aparecem em meio a controvérsias sobre suas promessas e ameaças, decorrentes de sua capacidade virtual de transformar e mesmo cancelar alguns dos principais parâmetros e elementos que definem, se não a natureza humana, ao menos a humana condição.

Muitas dessas tecnologias melhoristas são de base química, como os fármacos, com a capacidade de mudar a performance do indivíduo, mas não da espécie, por não implicar na alteração da base do DNA humano e não acarretar em passar a nova informação para frente. Todavia, a associação das biotecnologias com as técnicas mais poderosas do DNA recombinante, e mesmo aquelas modeladas pelas nanotecnologias, poderá significar abrir as portas para experiências mais radicais ou ousadas, levando ao pós-humano e ao transumano, como muitos estudiosos já vaticinaram. É então que a questão moral entra em cena, não só porque os fundamentos tradicionais da ética serão desafiados pelas biotecnologias (seguir a natureza, seguir a razão, seguir os sentimentos, seguir os costumes), mas pela derrocada da própria natureza humana, com a desintegração dos parâmetros, dos limiares e dos limites que definem a condição humana, como finitude, mortalidade, sexualidade, e assim por diante.

IHU On-Line - Em que sentido essas descobertas abrem brechas para um debate sobre o controle da subjetividade e da autonomia do sujeito?

Ivan Domingues - Pode-se dizer que as biotecnologias, como todas as tecnologias modernas, se determinam como técnicas de controle – da natureza externa e do mundo das coisas, umas; da natureza interna e do mundo humano, outras. Tal controle tem duas faces: uma, de alforria; outra, de dependência. De alforria, como no caso da tecnologia da máquina vapor, que exonerou a humanidade da necessidade de empregar a tração humana ou animal para inúmeras, pesadas e fatigantes tarefas, com a balança da comparação pendendo a favor das máquinas com seus HPs centenas e mesmo milhares de vezes maiores do que a força animal ou humana. E, ainda, como no caso da tecnologia do avião a jato, que permite a humanidade vencer a limitação natural de viver atada ao solo, como os répteis, e mesmo à limitação cultural da paróquia e do torrão natal, viajando a 900 km por hora, contra os 15-20 km por hora das diligências. A mesma coisa com respeito às biotecnologias, com seu poder virtual de cancelar a loteria da vida e instaurar o controle técnico sobre nós mesmos e sobre a nossa própria prole. Então, livres das coerções da natureza e da loteria da vida, seremos mais livres e, portanto, mais responsáveis por nossos atos, e mais éticos. Contudo, ao colocar em relevo essas coisas, estamos longe de termos mostrado e considerado tudo. Sem a loteria da vida e a natureza com que compartilhar nossos destinos, nossas decisões poderão se transformar em fardo, e a ética, num pesadelo. Não bastasse o controle técnico da natureza, e por extensão da natureza humana, ao nos deixar dependentes dos artefatos e sistemas tecnológicos, poderá significar a instauração da maior das tiranias, acarretar o controle da subjetividade e o fim da autonomia do indivíduo. Diante de uma ou de outra alternativa, a questão moral deverá ser recalibrada, tanto em face das novas biotecnologias e seus poderes, quanto da própria questão antropológica e seus limiares.

IHU On-Line - Como podemos compreender o "melhoramento humano" e a modelagem da vida a partir dos avanços da biotecnologia?

Ivan Domingues - O melhoramento humano e da condição humana faz parte da agenda da humanidade desde que o mundo é mundo – e foi buscado tanto pela via da educação quanto pela da técnica e seus aparatos. Bem pesadas as coisas, pode-se dizer que a via da técnica foi a primeira pavimentada, como mostra a arqueologia dos povos arcaicos, todos eles dependentes de uma *paleo-técnica* bem como de uma *piro-técnica* desde os tempos do paleolítico. Em contrapartida, à exceção da técnica do exemplo e da transmissão oral, a via da educação foi modelada depois e só foi alçada às lonjuras aonde foi graças à revolução da escrita das primeiras civilizações. Contudo, conquanto diferentes, a índole das duas técnicas é parecida, estampada em sua natureza manipuladora, levando no mundo humano a modelagem dos corpos, das instituições e das mentes. Até mesmo a educação, que nos leva a manejar e a formatar a mente de nossa prole desde a mais tenra infância – e todo mundo acha normal. Daí não causar espécie a proposta de Herder[1] e Kant de aperfeiçoamento do gênero humano pela educação [cultivo da mente] da humanidade.

1 **Johann Gottfried von Herder** (1744-1803): filósofo e escritor alemão. Estudou Teologia, Filosofia e Medicina em Königsberg. Foi aluno de Kant e tornou-se amigo de Hamann, cujas ideias em matéria de linguística, poesia e mitologia influenciaram profundamente seu pensamento. (Nota da **IHU On-Line**)

Em contraste, a proposta de reforma radical da humanidade pelas revoluções — conservadores ou progressistas, pouco importa —, não terá a mesma unanimidade e poderá sofrer encarniçada resistência, levando às atrocidades e às guerras civis. Não terão uma melhor sorte, e mesmo se exporão às mais pesadas controvérsias, aquelas propostas *Hightechs* de reforma e turbinagem do corpo humano: por quais motivos, não se sabe ao certo; talvez, por temor das vantagens das diferenças competitivas e pelos avatares da sacralidade do corpo humano, desde os antigos o sepulcro e a morada da alma, tendo a alma melhor sorte se ele se desintegra e se desfaz mais rápido, do que conservado e melhorado pelos fármacos, próteses e elixires da juventude. Quanto ao mais, alimentando as desconfianças contra as realizações da técnica com seu materialismo invencível, continuam valendo as reservas de Rousseau, que no famoso ensaio sobre a técnica e as artes, com o qual ele concorreu e ganhou o prêmio da Academia de Dijon, dirá que a técnica piora a humana condição, criando a mais estrita das dependências, e dessa sina não escapa o homem moderno com a sua inversão de valores, fazendo o progresso técnico caminhar numa direção e a decadência moral, em outra: então, se há um liame entre moral e técnica, e há, não é de correlação direta e positiva, mas inversa e negativa. Em vez de melhorar a condição humana, o progresso técnico só piora e deixa a moral sem chão, arruinando o *background* da natureza humana. Penso que Rousseau não está certo, mas ele enxergou fundo e legou um grande desafio à filosofia.

"Em vez de melhorar a condição humana, o progresso técnico só piora e deixa a moral sem chão, arruinando o background da natureza humana. Penso que Rousseau não está certo, mas ele enxergou fundo e legou um grande desafio à filosofia"

IHU On-Line - Quais são as principais problemáticas éticas que surgem a partir da biotecnologia?

Ivan Domingues - As novas biotecnologias, como eu já disse, ao provocarem a derrocada dos velhos limiares da condição humana e mesmo, se assim se preferir, da natureza humana, acarretam o questionamento da base da moral tradicional e deixa o filósofo sem chão. Não foi à toa que Hans Jonas[2] deu à versão inglesa de sua obra famosa O princípio responsabilidade (O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006). Neste quadro, as noções de tradição, de sentimentos morais, de objeção de consciência, de deliberação sobre meios e fins, de senso de dever e de responsabilidade pessoal, se veem estremecidas em seus fundamentos teóricos e em suas aplicações práticas, depois que as tecnologias materiais e as novas biotecnologias colocaram um poder extraordinário nas mãos da humanidade, dilatando em proporções nunca vistas o raio e o alcance da ação humana. O resultado é a subversão das antigas referências espaciais e temporais que deram estofo às elaborações morais, antes inscritas e acomodadas no aqui e agora do presente imediato, agora às voltas com a necessidade de considerar as consequências mais distantes no futuro, como viu Jonas.

Então, as quatro grandes éticas tradicionais serão desafiadas em suas mais firmes convicções e se mostrarão incapazes de dar uma resposta à altura das questões morais dos novos tempos: a moral aristotélica, com a *phronesis* e a *eudamonia* ao centro, não podendo mais sopesar os prós e contras das ações humanas com a ajuda do bom-senso, ao se ver o agente moral — *o phronimos* — exposto à virtude enlouquecida pelo poder tecnológico, acreditando que tudo pode; a moral judaico-cristã, ao se ver minada em seus três fundamentos: a ideia de transgressão, a de lei-mandamento e a de pessoa humana, golpeada pelos híbridos, mortes assistidas, eugenias positivas e *baby-designers*; a moral kantiana do imperativo categórico que proíbe tomar o outro como meio para um fim, atingida em seu cerne pelas propostas de *enhancements* e manipulações de tudo, não só do corpo, mas da mente humana, vendo nessas ações não a perda, mas o aumento da esfera da liberdade, e tendo como foco o indivíduo e suas inclinações, não a natureza humana ou a humanidade: com o empírico e o sensível mais e mais fortes, alimentando os casuísmos e as vantagens pessoais, o resultado é um transcendental inócuo e cada vez mais enfraquecido, não servindo de guia moral para ninguém, nem mesmo para o kantiano, ele mesmo o tempo todo burlando a regra ao se deparar com as aplicações tecnológicas; e a própria moral utilitarista ou consequencialista, enfim, que se mostrará não menos desprotegida e exposta às suas fragilidades ao computar os custos e benefícios das ações humanas turbinadas pelas tecnologias, visando à felicidade do maior número e procurando verter os prós e contras das condutas mo-

2 **Hans Jonas** (1902-1993): filósofo alemão, naturalizado norte-americano, um dos primeiros pensadores a refletir sobre as novas abordagens éticas do progresso tecnocientífico. A sua obra principal intitula-se *O princípio responsabilidade* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2006). Confira a edição 371 da Revista **IHU On-Line**, de 29-08-2011, intitulada *Tudo é possível? Uma ética para a civilização tecnológica*, disponível em http://bit.ly/ihuon371. (Nota da **IHU On-Line**)

rais em termos de análises de riscos, riscos que em si mesmos de fato nem de ordem moral são, mas indicadores e padrões matemáticos.

Nova ética

Então, como já salientado, é a elaboração de uma nova ética que estará posta nas mais diferentes agendas, e no meu modo de ver ela deverá ser buscada na extensão da ética das virtudes aristotélica, em sua vertente republicana, porém não tão-só e exclusivamente na esfera pública da política e na esteira da cidadania política, como no republicanismo francês, que tomava o *citoyen* como paradigma da moral, a exemplo de Robespierre[3], dito o incorruptível, mas nas vizinhanças da ética comunitarista e da cidadania cultural, patrocinando, como é sabido, a tecnologia contemporânea, a fusão da civilização material e da cultura "espiritual" (tecnologia = valor e modo de vida, e não uma mera soma de artefatos e um conjunto de sistemas).

IHU On-Line - Liberdade e determinismo devem ser pensados a partir de outra perspectiva em função da biotecnologia?

Ivan Domingues - Esta pergunta já foi parcialmente respondida. Contudo, acrescento que o fenômeno da moral, para se instalar, depende da liberdade dos agentes humanos, da consciência que acompanha as ações e da intenção de executar o ato com as consequências que eles dão origem, e de uma certa regularidade ou constância da ordem das coisas e do mundo humano. Se tudo fosse aleatório e pudéssemos fazer tudo o que nos desse na telha ou passasse pelas nossas cabeças, nenhuma predição das ações humanas e suas consequências seria possível, não haveria nenhum nexo causal entre nossos atos e seus resultados, não haveria nenhuma responsabilidade moral dos agentes e toda ação não passaria de uma conduta maquinal, guiada pelo arco-reflexo ou coisa parecida. Quer dizer, pela psicologia e mesmo pela fisiologia, não pela ética ou a moral. Então, em vez de serem vistos como antagônicos, liberdade e determinismo ou, antes, liberdade e necessidade podem ser vistos como complementares e solidários, de modo que é do seu arranjo e conformação recíproca que depende o surgimento da moral, não podendo haver moral onde impera a licença e o arbítrio, nem onde governam a coerção e a tirania. Quanto às biotecnologias, à medida que elas conferem mais poder aos agentes humanos, arrancam as ações humanas da esfera do determinismo cego e dão aos humanos mais instrumentos e meios para decidir, elas poderão acompanhar as ações e as deliberações morais como estabilizadores da ação e do mundo humano, nem mais nem menos que as leis da física, os instintos vitais, as regras da gramática e as disposições de caráter.

> "Ao formular o imperativo categórico e definir o seu raio de ação, Kant dizia que o imperativo só demarcava as condições para a determinação da moralidade do ato – a lei do dever e a universalidade da ação –, não o que eu devo fazer ou como fazer alguma coisa"

Dever-ser e poder-ser

Neste sentido, em vez de diminuir e colonizar, as biotecnologias podem aumentar o raio da ação e alforriar o ser humano, e portanto se determinarem como fator moral, não como a sua ruína. Então, poderemos falar com propriedade e conhecimento de causa de uma ética da ciência e da tecnologia — e isto porque de saída elas aparecem integradas e inscritas no ato moral —, o que não quer dizer que estamos eticamente justificados a moralizá-las ou a demonizá-las, nem que as técnicas e seus aparatos poderão ditar o que a moral e o agente deverão fazer ou decidir. Integrando ao reino dos meios, a tecnologia tem alguma coisa de neutral no plano da ética, resultando na ambivalência dos seus poderes e de seus usos. Heidegger dizia que a ética sempre chega tarde nas questões relativas à técnica e à tecnologia. Galileu[4] dizia que a ciência não ensina como subir aos céus, mas como vão os céus — assunto da astronomia ou da física celeste. Tolstoi[5] dizia que a

3 **Maximilien François Marie Isidore de Robespierre** (1758-1794): advogado e político francês, foi uma das personalidades mais importantes da Revolução Francesa. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Galileu Galilei** (1564-1642): físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano que teve um papel preponderante na chamada revolução científica. Desenvolveu os primeiros estudos sistemáticos do movimento uniformemente acelerado e do movimento do pêndulo. Descobriu a lei dos corpos e enunciou o princípio da inércia e o conceito de referencial inercial, ideias precursoras da mecânica newtoniana. Galileu melhorou significativamente o telescópio refrator e o utilizou para fazer observações astronômicas. Com ele descobriu as manchas solares, as montanhas da Lua, as fases de Vênus, quatro dos satélites de Júpiter, os anéis de Saturno, as estrelas da Via Láctea. Estas descobertas contribuíram decisivamente na defesa do heliocentrismo. Contudo, a principal contribuição de Galileu foi para o método científico, pois a ciência se assentava numa metodologia aristotélica de cunho mais abstrato. Por essa mudança de perspectiva é considerado o pai da ciência moderna. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Liev Tolstoi** (1928-1910): escritor russo de grande influência na literatura e na política do seu país. Teve uma importante influência no desenvolvimento do pensamento anarquista e, concretamente, considera-se que era um cristão libertário. Suas obras mais famosas são *Guerra e*

ciência e a técnica podem muito e são poderosas, mas são impotentes e nada podem nos ajudar nas duas questões que mais interessam em nossas vidas: o que devemos fazer e como devemos viver. Ao formular o imperativo categórico e definir o seu raio de ação, Kant dizia que o imperativo só demarcava as condições para a determinação da moralidade do ato – a lei do dever e a universalidade da ação –, não o que eu devo fazer ou como fazer alguma coisa.

Em contraste, digo eu, a tecnologia certamente ensina uma coisa e outra, neste sentido está mais próxima da ação do que da ciência, e seu mister é encurtar a distância que separa o dever-ser ideal antevisto e otimizado – um "poder-ser" de fato, resultando na projeção de um artefato, de um sistema e de um dispositivo – ante o real comum, com seus déficits e suas lacunas e também com suas positividades e virtualidades. Seu lugar em definitivo é a ação e sua circunscrição ou domínio começa na bifurcação do grande tronco da ação humana que separa e ao mesmo une, como na forquilha, a moral e a técnica. Há outras bifurcações como a moral e a política, a moral e o direito, a técnica e a política ou a técnica e o direito. Caberá ao filósofo pensar tanto o contínuo e o pleno que os une na junção da forquilha quanto o discreto e o vazio que os separam.

IHU On-Line - Em que sentido uma "antropologia da razão" oferece elementos para compreendermos a vontade de saber que move campos do conhecimento como a biotecnologia?

Ivan Domingues - Você está se referindo à influente obra de Paul Rabinow[6] *Essays in the Anthropology of Reason*. O livro já tem uma data (foi publicado em 1997) e segue com a sua trajetória ascendente, com direito a várias traduções, tendo a edição brasileira saído dois anos depois, em 1999. Com respeito à sua pergunta, o endereço da resposta são os capítulos 1 e 2, consagrados à Foucault[7], que colocam em primeiro plano as relações entre a ética e a política, como os títulos bem o sugerem: *Políticas da verdade/Sujeito e governamentalidade*. De minha parte, eu gostaria de ressaltar ainda outro estudo, o último do livro, intitulado *Biotecnologia americana: Fazendo a PCR. Reação em Cadeia da Polimerase* – o derradeiro subtítulo resultando na inevitável inversão em português da sigla inglesa (RCP, em vez de PCR). Trata-se de um estudo seminal, voltado para uma das técnicas mais poderosas da engenharia genética, justamente a polimerase, e veiculado em linguagem clara e sintética, sumariando em duas dezenas de páginas as ideias que o livro *Making PCR*, publicado um ano antes, fez em quase duzentas. Todavia, longe de mim sugerir ou afirmar que o resumo diz tudo e é melhor do que o livro. Cada um cumpre o seu papel de acordo com seu propósito e escopo, sendo o livro mais completo e cabendo-lhe, portanto, a primazia ao menos nesta ótica. No tocante a Foucault, mas além dos temas da política e da verdade, com a questão nietzschiana da vontade de saber ao fundo, penso que a questão do biopoder é aquela que nos coloca mais perto do campo da biotecnologia, que era do conhecimento de Foucault, mas sem a proeminência que passará a ter a partir dos anos 1990, cujo liame com a engenharia genética a técnica da reação em cadeia da polimerase mostrará com toda a evidência, porém, ao que parece, desconhecida de Foucault, que faleceu um ano depois que a técnica foi criada, em 1983.

Paz, de 1865, onde ele descreve dezenas de diferentes personagens durante a invasão napoleônica de 1812; e *Anna Karenina*, de 1875, que traz a história de uma mulher presa nas convenções sociais e de um proprietário de terras (reflexo do próprio Tolstoi), que tenta melhorar a vida de seus servos. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Paul Rabinow:** graduado, mestre e doutor em Antropologia pela University of Chicago. Atualmente é professor de Antropologia da University of California e diretor de Antropologia do Contemporary Research Collaboratory (ARC). Atuou também como diretor de Práticas Humanas no Centro de Pesquisa de Engenharia Biológica Sintética, que consiste em um grupo de pesquisa descentralizado com pesquisadores de sete universidades dos Estados Unidos. Confira a entrevista concedida por Rabinow à edição 429 da revista **IHU On-Line**, de 15-10-2013, intitulada *O lugar do antropos sintético*, disponível em http://bit.ly/1ctbdih. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a "tomada de poder" proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em várias edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em http://bit.ly/ihuon119, edição 203, de 06-11-2006, disponível em http://bit.ly/ihuon203, e edição 364, de 06-06-2011, intitulada *'História da loucura' e o discurso racional em debate*, disponível em http://bit.ly/ihuon364. Confira também a entrevista com o filósofo José Ternes, concedida à **IHU On-Line** 325, sob o título *Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico*, disponível em http://bit.ly/ihuon325. De 13 a 16 de setembro de 2010 aconteceu o *XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. Confira a edição 343 da **IHU On-Line** que traz o mesmo título que o evento, publicada em 13-09-2010, disponível em http://bit.ly/ihuon343, e a edição 344, intitulada *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em http://bit.ly/ihuon344. Além disso, o **IHU** organizou, durante o ano de 2004, o evento **Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault**, que também foi tema da edição nº 13 dos **Cadernos IHU em Formação**, disponível para download em http://bit.ly/ihuem13, sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. (Nota da **IHU On-Line**)